

Wolfgang Amadeus Mozart

A revista «Reformador», do mês de Setembro de 1960, teceu comentários acerca de duas meninas, ambas brasileiras, verdadeiros prodígios de inteligência, meninas que despertaram grande entusiasmo entre os intelectuais. Uma delas, Maria do Carmo Souza de Araújo, de 14 anos de idade, por ter escrito diretamente em francês, e do bom, um romance editado em Paris; e a outra, de imaginação invulgar, Ancila Márcia, de nove anos de idade, em face da publicação de seus extraordinários contos e memórias.

O «Correio da Manhã», em sua edição de 10, também de Setembro desse mesmo ano, dá-nos conta de outra menina, igualmente brasileira, Maria de Lourdes, que desde os três anos de idade já revelava possuir grande talento para a música, tanto que dizia ser a música um verdadeiro banho de luz para o Espírito, música que, na opinião de André Luiz, intensifica o rendimento do serviço, em todos os setores de esforço construtivo.

Estes casos, como muitos outros, de crianças- prodígio, que têm surgido em todos os tempos e em vários países, continuam sem explicação convincente por parte dos homens de ciência, que dizem ser tais fenômenos simples casos de hereditariedade, obedientes às leis físicas.

Como muito bem declarou Gabriel Delanne, «para nós espiritistas, no fenômeno da hereditariedade há duas coisas a distinguir: primeiramente, o caráter específico do ser que nasce, e em segundo lugar, as faculdades intelectuais».

A Doutrina Espírita mostra, realmente, que «no tocante à hereditariedade é admissível a morfológica, não obstante as numerosas exceções que a cada passo se nos apresentam. Nunca, porém, essa hereditariedade se verifica no que tange à intelectualidade, porque a inteligência é patrimônio exclusivo do Espírito».

«Os primores do intelecto e da moral não são transmitidos por meio de funções fisiológicas, funções essas que visam apenas à procriação.»

«O gênio, como diz Léon Denis, não se explica pela hereditariedade nem tão-pouco pelas condições do meio.

Se a hereditariedade pudesse produzir o gênio, ele seria muito mais freqüente. A maior parte dos homens célebres tiveram ascendentes de inteligência medíocre e sua descendência foi-lhes notoriamente inferior.»

O que se passa com essas crianças-prodígio é o fenômeno chamado reminiscência, reminiscência daquilo que já adquiriu no passado, «o resultado de pacientes estudos seculares, de lenta e dolorosa iniciação. Estes antecedentes desenvolvem no ser uma profunda sensibilidade que o torna acessível às influências elevadas».

«Cada encarnação encontra, na alma que recomeça vida nova, uma cultura particular, aptidões, aquisições mentais que explicam sua facilidade para o trabalho e seu poder de assimilação; por isso dizia Platão: «Aprender é recordar-se!»

«A lei da hereditariedade vem muitas vezes obstar, até certo ponto, a essas manifestações da individualidade, porque é com os elementos, que a hereditariedade lhe fornece, que o _ Espírito põe a seu jeito o seu invólucro; a despeito das dificuldades materiais, vê-se manifestarem-se em certos seres, desde a mais tenra idade, faculdades de tal modo superiores e sem nenhuma relação com as dos seus ascendentes, que não se pode, não obstante todas as sutilezas da casuística materialista, relacioná-las com qualquer causa imediata e conhecida .»

Já foi dito que causa viva surpresa o fato de, na metade do século XVIII, quando a Filosofia, a Poesia e a Política estavam representadas por Condillac, Voltaire e Frederico II, e que, como um simun abrasador, entre Paris e Berlim, circundava o dissolvente sopro da análise, nascesse e crescesse um artista como Mozart, cujas inspirações brotavam espontâneas do coração.

Realmente, Mozart recordava-se, em sua romagem terrena, dos conhecimentos adquiridos em outras existências, tanto que com pasmosa facilidade escreveu, aos cinco anos de idade, um concerto para piano, de difícilíssima execução, mesmo para um virtuose; aos seis anos: incompletos aprendeu violino por si mesmo e aos oito anos era já um compositor em pleno vo«.

Marcel Brion afirma que havia no garoto Mozart duas personalidades, uma igual a dos demais meninos, quando brincava e fazia suas travessuras, e outra, quando visitado pelo demônio sagrado da música, pois nessas ocasiões era presa de estranho êxtase, e em seu ser vibrava música, unicamente música.

O som do violino sempre o seduziu, e daí, talvez, o ter escrito suas mais comovedoras obras, pois nada conhecemos onde haja tanta emoção humana e luz espiritual como no andante do terceiro concerto em Sol maior, que ele compôs em 1775, quando estava precisamente com dezenove anos de idade.

Essa sua faculdade de viver como que mergulhado em outro mundo, de considerar o sonho tão real como os acontecimentos banais de todos os dias, é uma característica de seu espírito, e que bem demonstra a sua sensibilidade medi única.

A graça angelical de sua música, declarou ainda o escritor Brion, leva-nos a dizer que por vezes ele não era da Terra _ Sim, diremos nós, não era deste mundo, quando, em estado medianímico, quando as vibrações de seu Espírito se confundiam com as vibrações suaves e inebriantes das harmonias siderais!

Pert Peternell, em sua obra intitulada «Mozart», faz esta sensata pergunta: «Quem de fato falava, uma criança ou um grande Espírito por seu intermédio?»

E já Jean Witold, em seu livro «Mozart Desconhecido», disse: «Os teósofos e antroposofistas, acreditando na reencarnação, admitem, naturalmente, que o gênio de Mozart já se havia preparado, por meio de milênios, e que, portanto, essa sua vinda à nossa pobre Terra naria de Viena, fiel aos seus postulados de Fraternidade, foi ao encontro de Mozart, oferecendo-lhe todo o amparo moral e financeiro. Parte daí o seu ingresso na Maçonaria. Foi um maçom exemplar, até à sua desencarnação . Para a sua Loja, compôs lindos cantos, destacando-se o «Hino da Maçonaria», «Pequena Cantata Maçônica», a «Flauta Mágica».

O Bequíem, de sua autoria, ainda mais famoso se tornou, em face de certos acontecimentos que o levaram a escrevê-lo ,

O escritor Pert Peternell, um de seus biógrafos, assim nos descreve essa ocorrência:

"Certa noite alguém bateu e abriu a porta de sua residência.

Quem era aquele homem alto e lúgubre que se recostava na guarnição da porta? Seus olhos brilhavam em duas cavidades escuras, rosto cinzento e cinzentos também a cabeleira e o fato.

- Quem é senhor e que deseja? - Uma missa de defunto...

Wolfgang ficou arrepiado, o frio suor cobriu-lhe a testa. O misterioso visitante, sem responder-lhe, passou às mãos de Mozart uma carta sem assinatura, em a qual indagava qual o preço e quando poderia contar com esse Requiem.

Wolfgang, com voz rouca, disse-lhe, então, que custava cem florins, ao que o desconhecido lhe indagou quando deveria fazer o pagamento.

Nesse ínterim, Mozart voltou os olhos para esse desconhecido, porém não mais o viu. Correu para a porta, desceu a escada, procurando a estranha criatura no jardim e na rua. Mas a rua estava deserta e silenciosa.

Ouviam-se apenas os passos tranqüilos de dois homens conduzindo uma maca.

O desconhecido voltou. Entregou cinquenta florins e declarou que pagaria os outros cinquenta logo que recebesse o Requiem, isto é, dentro de quatro meses, quando ele deveria estar pronto. Wolfgang concluiu que esse período de quatro meses era o tempo que ele teria de vida, e que o Requiem, missa dos mortos, iria servir, no dia fixado pelo destino, para os seus funerais.

Mozart receava a volta desse anunciador de desgraças, mas a verdade é que ele lhe aparecia em sonhos.

Mozart tinha a impressão de vê-lo entrar em seu quarto todas as vezes que batiam à porta. Minhas idéias, escreveu ele, estão em desordem, só a muito custo consigo equilibrá-las. A imagem desse homem está sempre diante de mim, atormentando-me, censurando-me pela minha lentidão e reclamando severamente a obra prometida. Trabalho sem parar, mesmo porque o trabalho me fatiga menos que o repouso. Sei que morrerei brevemente e, todavia, gostaria de viver ainda! Ninguém pode alongar, estou convencido, o número de seus dias. Aceito humildemente os decretos da Divina Providência e permita Deus possa eu terminar, em devido tempo, essa missa fúnebre.

O destino usa por vezes de uma ironia cruel. Sabemos, por meio de suas cartas, que ele não tinha o menor receio da morte, mas, como todos os artistas, principalmente ele, com seus 35 anos de idade, sentia-se pesaroso pelo fato de não ter tempo para escrever assífonias e óperas, cujos temas melódicos bailavam em seus ouvidos psíquicos."

A famosa «Flauta Mágica», escrita precisamente nesses últimos meses de vida terrena, verdadeiro ato de fé maçônica, é a expressão total da sua filosofia, da maneira por que ele concebia o destino e os deveres do homem; nesse particular aproximava-se muito da que.

Goethe formulou em seu poema intitulado «O Divino» "O homem deve ser nobre)

Prestativo e bom! Pois só isso O distingue lhe todos os seres Que conhecema»;

O seu aluno Franz Susmayr, abeirando-se de seu leito, disse-lhe ter algumas dúvidas no interpretar o Requiem. E não obstante seu precaríssimo estado de saúde, pediu que lhe mostrasse a partitura, e então desfez todas as dúvidas, e, mais ainda, nela introduziu algumas modificações.

Agravando-se, então, o seu estado, solicitou à sua cunhada Sofia que não se retirasse do quarto, a fim de que ela verificasse como ele sabia morrer.

A 6 de Dezembro de 1791 desencarnava Mozart, enquanto soprava violenta borrasca de neve. Os poucos amigos que assistiram às cerimônias fúnebres, desistiram de acompanhar o corpo ao cemitério, preferindo regressar ao aconchego de seus lares.

Quando o corpo enregelado e hirto de Mozart baixou à sepultura, um único amigo estava presente, fiel e dedicado amigo tanto na vida como na morte: o seu cãozinho branco.

Sua esposa Constanza, pretendendo colocar modesta cruz em sua sepultura, foi informada de que nenhum dos coveiros se lembrava onde o haviam sepultado.

E para sempre ficou ignorado!

Mas, que importa isso para o Espírito de Mozart, que considerava a Morte a libertadora, o anjo que o levaria à felicidade eterna!

Seu sepulcro ficou perdido, suas musicas, porém, permanecem vivas no coração daqueles que sentem nelas um incentivo de progresso e de amor divino!

Fonte: Grandes Vultos da humanidade.